



## **Sobre gaúchos e vaqueiros: poesia popular e nacionalismo literário segundo escritores de duas províncias brasileiras.**

ALEXANDRE LAZZARI<sup>1</sup>

O jovem jornalista e crítico literário riograndense Alcides Maya publicou, em 1900, uma veemente defesa da performance intelectual e literária dos riograndenses, a qual considerou menosprezada por críticos do Rio de Janeiro, que rejeitavam ou simplesmente ignoravam os valores literários que lá surgiam.

O Rio Grande, no Brasil, para os brasileiros, é uma espécie de Macedônia de atraso e de barbarismo. Os helenos requintados que passeiam pela rua do Ouvidor, “de cigarro no queixo e chapéu na nuca, gingando o seu proverbial *laissez aller*, na frase pitoresca de um publicista, pensam de nós que... sabemos doar potros... (MAYA, 2004: 93-106)

Incomodado pela “centralização das letras” e pela inexistência de um utópico “federalismo literário”, faz questão de mencionar uma extensa lista de nomes de riograndenses que se dedicaram à arte da palavra. E prossegue com as queixas, agora questionando o preconceito do cearense Adolfo Caminha, que além de defender o questionável critério do clima como definidor do talento literário de um povo, ainda afirma que, fora as tendências guerreiras do sul, “intelectualmente é que ele não poderá competir com a região oposta”, ou seja, a dele, o norte (CAMINHA, 1895: 129-137). O colega literato do norte, de fato, não tem dúvidas a respeito da superioridade em número e qualidade dos poetas e romancistas de sua região, embora a intenção de seu artigo tenha sido justamente questionar a divisão norte-sul em termos literários, pois deveria existir apenas uma literatura no país, a brasileira.

Na visão de Alcides Maya, no entanto, o “gaúcho” dos pampas e da poesia popular seria o grande representante da “mestiçagem nacional” e suas qualidades raciais

---

<sup>1</sup> Professor adjunto Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Doutor em História.

vinculadas ao clima e ao meio geográfico faziam dos riograndenses um povo original de guerreiros e também de poetas. Se havia diferenças climáticas e naturais entre as regiões brasileiras influenciando a literatura, então esta também deveria variar conforme a história e as tradições de cada estado. Sua opinião em boa parte ecoava as pregações do professor Apolinário Porto Alegre, um veterano mentor de jovens escritores locais reunidos na Sociedade Partenon Literário, dedicado naquele momento à coleta do “cancioneiro” e do vocabulário popular riograndense (LAZZARI, 2012: 463-485).

Ufanismos à parte, este trabalho pretende apontar relações, similaridades e diferenças entre os debates do nacionalismo literário gerados nas duas províncias/estados brasileiros nas últimas décadas do século XIX. Compartilhando mais critérios em comum do que pensavam imaginar, os literatos de ambas regiões propuseram e experimentaram incorporar a cultura dos trabalhadores do campo na construção literária de identidades regionais, com distintas repercussões no ambiente literário da capital do país.

Um escritor nascido no Ceará, possivelmente o literato mais lido do no Brasil do século XIX, tornara-se uma influência decisiva entre os letrados rio-grandenses no período em que começava a sofrer as mais duras críticas tanto a seu modelo de escrita como à sua visão de nacionalidade. Foi justamente na fase da década de 1870, quando José Martiniano de Alencar proclamou sua “velhice literária” e adotou o pseudônimo “sênio”, que publicou seus romances ditos “regionais” que retratavam tipos do interior das províncias, como “O gaúcho” (1870), “Til” (1872), “O sertanejo” (1875). A admiração do já citado professor Apolinário pelo autor de “O guarani” e “Iracema” pode ser constatada no “Estudo biográfico” que apresentou na revista do Parthenon (PORTO ALEGRE, 1873-74). Mais do que propriamente uma biografia, a série de cinco artigos publicados 1873 e 1874, com o tradicional pseudônimo Iriema utilizado por Apolinário, pretendia defender Alencar das críticas do português Pinheiro Chagas em seus “Novos ensaios críticos” e de Franklin Távora nas “Cartas de Semprônio a Cincinato”. A defesa da obra de Alencar era também um manifesto em defesa da literatura brasileira. Em resposta à frase inicial do artigo de Pinheiro Chagas — “Apesar dos muitos talentos que avultam na nossa antiga colônia americana, não

se pode dizer que o Brasil possua uma literatura” — o rio-grandense replicava com esta: “Eis um nome, eis uma literatura e uma nacionalidade”.

Existia, ainda, uma razão toda particular na escolha de Apolinário, pois a obra do cearense se adequava muito bem à sua incansável militância para espalhar o patriotismo e o orgulho nacional entre seus concidadãos. Imaginar o Brasil como a unidade formada na diversidade de suas províncias, correspondendo à idéia de um todo orgânico, eis a fórmula escolhida pelo professor porto-alegrense para o seu nacionalismo literário. E a escolha do romance em prosa constituía “a forma por excelência moderna” de literatura, acessível à leitura popular e capaz de despertar em qualquer cidadão o sentimento daquela “comunhão brasileira”.

Por este critério, somente rivalizava ou superava o “ilustre filho do Ceará” outro distinto provinciano, Bernardo Guimarães. O “filho de Minas Gerais” era o único que poderia compartilhar com o cearense a eminência plena da nacionalidade literária com “O Garimpeiro”, publicado em 1872. A insistência em mencionar a terra natal daqueles dois autores reforçava o sentido de representação do Brasil profundo, dos sertões e províncias remotas, onde o efeito da natureza americana sobre os costumes e o caráter dos habitantes revelaria a tão desejada originalidade nacional.

Quanto à crítica de Franklin Távora, o rigor na observação da natureza e dos costumes, cobrado pelas cartas de Semprônio em oposição a um exagerado idealismo alencariano, parece despropositado ao biógrafo porto-alegrense. Mesmo os erros de vocabulário e a falta de uma pesquisa de campo para falar do homem dos pampas em “O gaúcho” foram perdoados por Iriema. Tal rigor de observação não traria senão benefícios acessórios aos romances, pois a arte, afinal, tinha autoridade para dispensar a ciência. Ainda assim, as inexatidões da paisagem e dos personagens rio-grandenses em “O gaúcho” provocaram descontentamento na província de São Pedro. Mas para Apollinario, se a obra merecia reparos, não seria por tais “minudências”, mas por problemas do estilo e da construção dos personagens.

Concordamos que a pena de José de Alencar por mais de uma vez desenhasse pálida e friamente cenas de nossos costumes nacionais, esquecesse um ou outro tom, tenha mesmo algumas anomalias na fusão dos caracteres, no estudo psicológico de seus personagens,

pontos menos desculpáveis, como no *Gaúcho* e em Ricardo dos *Sonhos de Ouro*.

Concordamos ainda que nem sempre seu estilo tem esta energia máscula que seria para desejar (PORTO ALEGRE, 1873-74: 105).

Mas a admiração devotada do patriótico Iriema e a defesa intransigente da supremacia alencariana nas letras nacionais pareciam ter pouco impacto fora dos limites do Rio Grande. Sintomático do fraco intercâmbio entre os escritores daquela província e os da corte é a carta enviada pelo próprio Alencar a um sócio do Parthenon quando, cerca de um ano depois, tomou conhecimento do texto em seu favor. Agradeceu ao “distinto e ilustrado *Iriema*”, mas afirmou desconhecer sua identidade, e podemos supor que até então não conhecia ou lia a Revista do Parthenon Litterario, apesar desta ter representantes no Rio de Janeiro (TOTTA, 1875).<sup>2</sup>

Os romances indianistas de José de Alencar também estimularam jovens da sua província natal a se dedicarem à causa da literatura nacional e a se aventurarem nas letras. Com o pseudônimo Oscar Jagoanharo, um entusiasmado Tristão de Alencar Araripe Junior tomou tempo dos seus estudos de Direito, em 1868, para inventar sagas indígenas inspiradas nas obras do escritor conterrâneo e publicar na imprensa do Recife seus “Contos brasileiros” (ARARIPE JR, 1868). Quando, anos depois, prestou homenagem póstuma ao mestre redigindo uma biografia literária, reconheceu a profunda influência em sua adolescência: “José de Alencar viveu na minha alma durante essa época com um vigor indizível. Povoava-a inteiramente” (ARARIPE JR, 1958: 134-258).

Somente após o retorno ao Ceará foi que Araripe Jr. tornou-se leitor e admirador de autores como Spencer e Taine, aderindo então ao determinismo naturalista amplamente defendido por sua geração e adotando um maior distanciamento crítico da obra de Alencar.<sup>3</sup> O elogio crítico à obra de Juvenal Galeno, publicado na imprensa de Fortaleza em 1872, revela também admiração pela poesia popular que aquele praticava, traduzindo para as letras o mundo e os costumes dos humildes sertanejos e pescadores do Ceará. Para Araripe, o

---

<sup>2</sup> Carta datada de 12 de janeiro de 1875.

<sup>3</sup> No prólogo ao perfil literário de Alencar, o próprio Araripe declara que esta mudança ocorreu no ano de 1873, quando enfim passou a ser leitor de Spencer, Buckle e Taine, os autores que mais influenciaram sua geração.

autor, acima de tudo, revelava a beleza rústica da poesia popular, gerada por sua intimidade com a natureza exuberante dos sertões, ficando em segundo plano a veemente denúncia da opressão social e política dos pobres pretendida por Galeno (GALENO, 2010).

Quando, em 1874, vieram à luz na imprensa do Rio de Janeiro as cartas a de José de Alencar a Joaquim Serra, com o título “Nosso cancionero” (ALENCAR, 1960), apresentando um estudo da poesia dos vaqueiros do Ceará, a discussão desse tema não representava novidade aos literatos da província.<sup>4</sup> Araripe Jr., de pronto, publicou uma resposta na mesma folha carioca, fazendo ver que já tinha discutido esse tema dois anos antes, ao tratar da obra de Juvenal Galeno (ARARIPE, 1958: 91-102).<sup>5</sup> E afirma também que já não mais acreditava que os versos e trovas populares poderiam ser o equivalente a uma poesia épica, considerada uma inspiração privilegiada para a literatura nacional de qualquer povo. Anos depois, Araripe declarará que ele próprio tentara fazer esse tipo de pesquisa e já se encontrava decepcionado quando leu as cartas do “Nosso cancionero” (ARARIPE JR, 1958: 361-372).<sup>6</sup>

Alencar, por sua vez, não media seu entusiasmo a respeito do “Rabicho da Geralda”, cantiga que teria sido recolhida por amigos entre diversas versões. Os versos contam a história do boi Rabicho, fugido da fazenda de D. Geralda, que de tão esperto e valente nem o mais afamado vaqueiro podia lhe capturar, tendo sido vencido apenas pela seca, quando o desespero da sede o tornou vítima fácil de uma armadilha. Com a peculiaridade de ser narrado em primeira pessoa pelo próprio animal, o poema do boi-herói é considerado por Alencar como uma narrativa mitológica, originado de uma pureza primitiva da qual os ingênuos sertanejos ainda estariam próximos. No seu valor poético, o Rabicho da Geralda é equiparado a uma epopéia homérica, em que os heróis míticos dos povos são cantados pelos rapsodos ao longo dos tempos. Ao mesmo tempo, tem uma forma totalmente distinta das epopéias de qualquer outro povo, gestada na luta do vaqueiro contra a natureza única do sertão cearense.

Estou convencido de que os heróis das lendas sertanejas são mitos, e resumem os entusiasmos do vaqueiro pela raça generosa,

---

<sup>4</sup> As cartas foram publicadas em O Globo, em quatro capítulos, nos dias 07, 09, 10 e 17 de dezembro de 1874.

<sup>5</sup> Cartas publicadas em O Globo, em 05 de janeiro e 01 de fevereiro de 1875.

<sup>6</sup> Publicado na Gazeta Literária, em 31 de março e 01 de julho de 1884.

inseparável das suas fadigas, e provida mãe que o alimenta e o veste. (...)

Aí está o toque da magnanimidade dos rústicos vates do sertão. Homero engrandece os guerreiros troianos para realçar o valor dos gregos. Os nossos rapsodos, imitando sem o saberem, o criador da epopéia, exaltam o homem para glorificar o animal. (...)

Há no poemeto, como viu, traços da simplicidade homérica, ou antes do estilo sóbrio e enérgico do povo, em que foi vazada a poesia do grande épico (ALENCAR, 1960).

Talvez por respeito ao velho mestre, Araripe Junior não tenha contestado diretamente sua interpretação, preferindo deixar a divergência evidente através da autocrítica a um elogio semelhante que teria feito a “O Bargado”. Trata-se de uma das trovas populares de Juvenal Galeno, que pode ser considerada uma versão da história do boi incapturável de “O rabicho da Geralda”, porém narrada de forma mais convencional, em terceira pessoa. Tal como Alencar em relação ao Rabicho, Araripe via na saga do Bargado o registro da luta e adaptação heróica do homem americano à natureza, a exemplo do touro bravio, façanha da qual o gaúcho sulino também era exemplo. “Do mesmo modo que nos pampas do sul nasceu o gaúcho, dos campos do norte nasceu o campeador, o vaqueiro” (ARARIPE JR, 1958: 97). Da vitalidade e originalidade desses costumes seria legítimo retirar inspiração para a literatura nacional, mas ponderava que reconhecer neles a sobrevivência do heroísmo primitivo seria um engano.

Julgo que Juvenal Galeno, escrevendo o Bargado, transportou-se, sem o querer, a outras eras, e instintivamente buscou uma emoção que de forma alguma se encontra nas rapsódias ou canções que o povo hoje repete pelos sertões, sob a denominação de *Rabicho-da-Geralda*, *Boi-surubim*, *Boi-espazo*, *Pintadinho*, etc. (...)

Com pesar o digo: - a emoção épica que tanto devera exaltar a mente dos primeiros criadores, que resultaram do cruzamento da raça indígena com os portugueses, de todo desapareceu. (...)

Deste século, quando já o sertanejo ou o vaqueiro não era mais o produto daquela indômita aspiração para o desconhecido, para o ameaçador, quando as terras pela maior parte viam-se desbravadas (...); Deste século, repito, quando o sertanejo colocou-se na terrível contingência de servir ou ser esmagado, que poesia podia então brotar? Que sentimento heróico encontrar-se-ia em indivíduos que, abocanhados em suas nobres aspirações, vivendo como escravos, oprimidos, eram obrigados a percorrer os campos atrás da rês

fugitiva, não como o homem que luta pelo sentimento da própria vida, mas como uma obrigação e como um tributo? (...)

Entre si, estes homens rudes quiseram uma vez por outra opor primazias. Garbo, valentias, gentilezas, tudo foi posto em prova. Mas quão longe não estavam já dos movimentos épicos de outrora! Riram-se, em suma, chacotearam uns aos outros, e o canto não passou então da bravata de um escravo (ARARIPE JR, 1958: 100-101).

Nada existia mais do primitivo confronto épico do homem com a natureza selvagem, assegurava Araripe a Alencar, e os vaqueiros e camponeses daqueles tempos que cantavam o Rabicho da Geralda eram um povo subjugado e sem a energia criadora dos antepassados. O humor obscuro e a bravata que podiam ser subentendidos de certos trechos do poema seriam a prova da degeneração que Alencar não percebia ou fingia ignorar.<sup>7</sup> Escrevendo enquanto morava em uma fazenda da serra de Maranguape, Araripe fazia questão de deixar claro que estava falando da realidade que observava, já tendo em certa medida adotado um olhar determinista e pessimista sobre os costumes dos pobres.

Ainda iniciando aquela que viria a ser uma respeitável carreira de crítico literário, o literato cearense já desenvolvia um olhar menos otimista que os seus pares do extremo sul a respeito de uma síntese racial e cultural inspiradora de uma identidade coletiva, tal como manifestada nos rudes costumes, poesias e lendas do mundo dos vaqueiros. Ainda assim, prosperará a literatura que toma o homem e a paisagem do sertão cearense como tema. Servindo-se dos estudos de “Nosso cancionário”, Alencar publicará “O Sertanejo” em 1875 e no ano seguinte Franklin Távora publicará “O cabeleira”, disposto a ocupar dele o lugar de romancista nacional.

No Rio grande do Sul, o tema gauchesco na virada do século ainda inspira não só a literatura como a sociabilidade urbana. Em 1901 encontramos Alcides Maya proferindo conferência para a sociedade Grêmio Gaúcho, discorrendo sobre “O gaúcho na literatura e na história” (CORREIO DO POVO, 12 de julho de 1901), apresentando uma análise crítica das idealizações do gaúcho na tradição popular e na “escola romântica”, lamentando que José de Alencar e mesmo escritores platinos nada tivessem produzido “de estável, de

---

<sup>7</sup> Sobre as limitações que o pensamento conservador de José de Alencar impunha à interpretação das tensões sociais presentes em “Rabicho da Geralda”, ver CANO, 2007.

duradouro, e, sobretudo, de verdadeiro”, com algumas ressalvas a Apollinário Porto Alegre e outros que escreveram na revista do Parthenon Litterário. Lamentava que literatos brasileiros ainda confundissem o gaúcho do Rio Grande com o “gaúcho oriental”, como teria feito o crítico José Veríssimo na imprensa do Rio, ao utilizar estudos do uruguaio Javier de Vianna para definir o tipo riograndense. Tratou também do gaúcho “na história”, recorrendo à análise das origens étnicas e do mestiçamento, das “correntes espirituais hereditárias”, das influências do meio natural e social.

Alcides Maya, como os demais sócios do Grêmio Gaúcho, era herdeiro de um conjunto de noções a respeito da missão histórica dos rio-grandenses construídas ao longo do século anterior. Discípulo de Apollinário, realizou a crítica do romantismo com o qual aquele não chegou a romper e aderiu decididamente ao determinismo científico, interessando-se especialmente pelo evolucionismo de Spencer, mantendo-se, porém, na trincheira liberal e na oposição ao positivismo oficial do governo do Rio Grande do Sul. Outro passo além que deu em relação ao mestre foi partir para disputar um lugar no mundo literário do Rio de Janeiro, o que fez a partir de 1903 (ALMEIDA, 1994). Lá estabelecido, Alcides Maya passou a colaborar na imprensa carioca, publicando uma série de artigos nos quais retomava alguns temas da sua fase porto-alegrense, adaptando-os ao debate com os novos interlocutores. Uma questão freqüente nos ensaios divulgados em O Paiz era justamente a crítica do fraco sentimento de orgulho nacional entre os brasileiros, principalmente quando comparados ao platinos. “Enquanto o brasileiro celebra liricamente a natureza tropical” e “adormece ao ouvir o canto do sabiá na mata”, advertia, a Argentina produzia e se organizava para competir no duelo darwinista entre as nações (MAYA, 20 de outubro de 1904).

Quanto à crítica literária, ainda que optando pelo caminho “científico” na análise, Alcides Maya seguia as lições de Apollinário ao condenar o naturalismo e o tipo humano “patológico” do romance de Zola. Preferia elogiar o escritor uruguaio Javier de Vianna, pelo retrato “verdadeiro” do mundo dos pampas primitivos e principalmente por fazer jus à altivez guerreira dos estancieiros, dos caudilhos semibárbaros e da selvagem “massa popular” cisplatina, enquanto criticava o venezuelano Diaz Rodrigues por tratar de degeneração da raça dos conquistadores espanhóis. O crítico rio-grandense, agora ante os



leitores cariocas, fazia questão de identificar o gaúcho rio-grandense ao platino, pois defendia a velha idéia de fundo romântico de que o contato da natureza selvagem renovou as elites européias decadentes, fazendo-as abandonar as tendências mórbidas e despertar para uma nova vitalidade (MAYA, 07 de janeiro de 1904). Uma vez superada a fase dos exageros do romantismo, alegava Alcides Maya, chegava o momento de retratar a psicologia e costumes do gaúcho “na sua nudez e vitalidade”, como fazia Javier de Vianna. Curiosamente, sua estréia na cena literária da capital federal no início da década seguinte foi na direção oposta, publicando o livro de contos “Ruínas vivas” (1910) e o romance “Tapera” (1911), com histórias ambientadas no pampa rio-grandense dede retratando a decadência física e moral do homem do campo que lá vivia.

De modos similares, e por vezes antagônicos, riograndenses e cearenses do século XIX pensaram a literatura e a identidade nacional nas províncias e por intermédio das suas províncias, olharam para o trabalhador do campo em busca da originalidade e autenticidade que prometiam os modelos literários europeus de poesia popular e nacionalidade, fizeram questão de não enxergar o que não convinha a seus preconceitos raciais e de classe, se entusiasmaram e se decepcionaram, e em alguma medida alimentaram estereótipos duradouros sobre como os brasileiros veem uns aos outros.

### **Referências bibliográficas:**

ALENCAR, José de. “O nosso cancionero”, In: Obra Completa – vol. IV. Rio de Janeiro: Editora José Aguilar Ltda, 1960.

ALMEIDA, Marlene Medaglia. Na trilha de um andarengo: Alcides Maya (1877-1944). Porto Alegre: EDIPUCRS/IEL, 1994.

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. (Oscar Jagoanharo). Contos Brasileiros. Recife: Tipografia do Correio Pernambucano, 1868.

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. José de Alencar: perfil literário. Rio de Janeiro: Tip. da Escola de Serafim José Alves. In: Obra crítica de Araripe Junior - vol. I 1868-1887. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. “A poesia sertaneja – Cartas ao Exmo. Sr. Conselheiro José de Alencar”. In: Obra crítica de Araripe Junior - vol. I 1868-1887. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

ARARIPE JR, Tristão de Alencar. “Cantos populares do Ceará – A propósito do livro do Dr. Silvio Romero”. In: Obra crítica de Araripe Junior - vol. I 1868-1887. Rio de Janeiro: MEC/Casa de Rui Barbosa, 1958.

CAMINHA, Adolfo. “Norte e sul”. In: Cartas literárias. Rio de Janeiro: 1895.

CANO, Jeferson. “A epopéia sertaneja de José de Alencar”. Remate de Males, 27(2), julho./dezembro 2007.

GALENO, Juvenal. Lendas e canções populares. (primeira edição: 1865). 5ª edição. Fortaleza: Secult, 2010.

LAZZARI, Alexandre. Raça, escravidão e literatura nacional na Revista do Partenon Literário (Porto Alegre, 1869-79). In: XAVIER, Regina Célia Lima. Escravidão e liberdade: temas, problemas e perspectivas de análise. São Paulo: Alameda, 2012.

MAYA, Alcides. O Rio Grande mental. In: Alcides Maya - textos críticos. Porto Alegre: Movimento; Santa Maria: EDUFMS, 2004. p. 124. Publicação original: MAYA, Alcides. Através da imprensa, 1898-1900. Porto Alegre: Editores Octaviano Borba & Cia (Livraria “A Nacional”), 1900.

MAYA, Alcides. “País de sonhadores”, O Paiz, 20 de outubro de 1904.

MAYA, Alcides. “Romancistas americanos”, O Paiz, 07 de janeiro de 1904;

PORTO ALEGRE, Apolinario (Iriema), “José de Alencar - Estudo biográfico”, Revista do Parthenon Litterario, setembro a dezembro de 1873; fevereiro de 1874.

TOTTA, Augusto. “Crônica”, Revista do Parthenon Litterario, janeiro de 1875.